

---

## A distinção entre provas *artificiais* e *não artificiais* da Retórica à Semiótica \*

Lourenço Fernandes Neto e Silva<sup>i</sup>

---

**Resumo:** Este texto toma o ponto de vista da história das ideias para revisar a questão das relações entre semiótica e retórica. Buscando um balanço do cenário atual, visamos prover mais elementos para a comparação entre as teorias do signo e as teorias da linguagem sob o ponto de vista da longa história desses temas. Com isso, chegamos a alguns pontos comuns que permitem aderir a um movimento de busca pela reagregação das diferentes artes e ciências do texto em torno do “texto” e do “discurso”, concebidos de forma metafóricamente ampliada. Nesse percurso, partimos das divisões disciplinares e do escopo próprio à retórica na antiguidade, passando pela partilha das competências da arte do *Trivium*. Apresentamos o iluminismo francês como um dos momentos cruciais desta história, no qual se elabora a posição de que não há nada fora da arte, em posição simultaneamente retórica e semiótica. Propomos, assim, que se conceba uma aproximação entre retórica e semiótica mais forte e mais historicamente persistente do que comumente suposto, além de constitutiva para a ideia de método.

**Palavras-chave:** semiótica; retórica; arte; discurso; método.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.231828>. Gostaria de agradecer os comentários generosos dos dois pareceristas anônimos deste artigo, que enriqueceram as referências e permitiram uma discussão mais pertinente de pontos importantes.

<sup>i</sup> Doutor em História da Filosofia Moderna pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [lourencofnsilva@gmail.com](mailto:lourencofnsilva@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0956-8298>.

## Introdução: continuidade e ruptura da retórica à semiótica

**E**m toda transição histórica, há necessariamente aspectos que permanecem e aspectos que mudam. Portanto, na análise de uma passagem histórica qualquer, é sempre possível enfatizar mais particularmente as permanências ou as variações. Se aqueles que já se dedicaram à retórica e à semiótica reconhecem semelhanças entre as duas abordagens (temáticas, históricas, epistemológicas),<sup>1</sup> é, entretanto difícil compreender até onde vão as semelhanças e as diferenças entre as duas; mas é esse fato mesmo que permite ainda conjecturar acerca de alguma continuidade entre ambas. Neste artigo, buscamos distender no tempo histórico essa divisão disciplinar para tentar identificar etapas em que a retórica vai se tornando cada vez mais próxima da semiótica.

Partiremos, porém, de uma característica que *não* permanece de uma a outra, e sugerimos, ao longo de todo o texto, que se trata de uma das principais características distintivas da retórica como compreendida na antiguidade em relação à semiótica contemporânea. Se é evidente que haveria outros aspectos discrepantes a ser apontados entre as duas, é nossa convicção que o que aqui apresentamos, por si só, é capaz de sistematizar parte razoável das mudanças que a retórica sofre ao longo dos séculos, rumo a tornar-se cada vez mais reconhecível como uma semiótica.

Antes especificamos, porém, a que nos referimos pelos termos *semiótica* e *semiótico*. Com esses termos, não se busca tomar lados nas profundas discussões semióticas atuais, mas simplesmente circunscrever os discursos fundados ou estruturados em torno da noção de “signo”, em sua variedade relativa. Defenderemos, portanto, que o conceito de signo toma, aos poucos, a frente das investigações metodológicas que antes se inseriam no campo da retórica; assim, pelo termo *semiótico* nos referiremos indiferentemente quer à tradição pierciana, quer à saussuriana, quer a outras se houver, quaisquer que sejam suas filiações ou coincidências (o que restaria, sem dúvida, por estabelecer com maior precisão).

O aspecto crucial a que nos referimos é a divisão da retórica entre as provas *da arte (retórica)* e as provas *alheias à arte*. Parece-nos que, à medida que essa distinção tradicional vai sendo nuançada, flexibilizada, e enfim abandonada, a retórica vai, correlativamente, se tornando mais próxima de uma semiótica. A referida divisão cumpre exatamente a função de circunscrever o escopo retórico: as provas “técnicas” são propriamente retóricas, já as “não técnicas” podem até

---

<sup>1</sup> Cf. “La rhétorique dans le sémiotique : la composante créative du système” (em: Badir; Klinkenberg, 2008). É preciso esclarecer que nos referimos aqui por Retórica à acepção um tanto vaga que a toma no seu conjunto de ocorrências trans-históricas, e não particularmente à chamada “nova retórica” do Groupe µ. As reflexões que aqui se colocam, porém, pretendem incidir também sobre esta última ao fim do texto.

ser usadas pelo orador, mas não constituem propriamente sua arte (*tekhné*). Na história que reconstruímos, a região que está fora do escopo da retórica se torna cada vez mais exígua, uma vez que essa arte parece ter por vocação a absorção de toda a gama das atividades humanas. Na dissolução da fronteira, pode ser que a retórica tome enfim o controle de todo o campo; no entanto, quando o processo estiver completo, a retórica já terá se tornado uma semiótica, apoiando-se mais no conceito de signo do que no de linguagem.

Esta sinopse, francamente esquemática, espera ser aprimorada por pesquisas adicionais, por nós mesmos no futuro ou por outros interessados. Como esclarecimento adicional, apontamos que a “retórica” como disciplina desaparece, de fato, a partir de meados do século XIX, por complexas vicissitudes históricas e conceituais, de forma paulatina e não homogênea.<sup>2</sup> Ainda assim, é possível detectar sua sobrevivência, espalhada nos temas, nos argumentos e nos métodos de variadas disciplinas, principalmente das humanidades e das artes. Ademais, é também nesse período que a semiótica parece se constituir, assumindo a mesma pervasividade da retórica, e incidindo sobre as mesmas disciplinas como método fundamental. Essa substituição não parece ser mera coincidência, ainda que os meandros da história devam ser mais bem perscrutados.

## 1. Provas técnicas e não técnicas na retórica antiga

Tomamos como balizas da “retórica antiga”, em primeiro lugar, a *Arte Retórica* de Aristóteles, primeiro tratado da arte, e que inaugura a distinção entre provas técnicas e não técnicas; em segundo lugar, a *Instituição Oratória* de Quintiliano de cinco séculos mais tarde, um dos maiores marcos dos tratados latinos, no qual a distinção perdura, mas já com algumas modificações importantes. A análise desses dois extremos, embora salte passos intermediários (que incluiriam sem dúvida a *Retórica a Herênio* e as obras de Cícero), todavia deverão ser suficientes para que se compreenda a transformação. No caráter de sobrevoos próprio a este artigo, porém, os pormenores, por importantes que sejam, hão de ser deixados ao futuro.

Vejam os primeiros deles. A filosofia de Aristóteles, ciosa das divisões disciplinares, perfaz um esquema em que a divisão fundamental se dá entre, por um lado, as disciplinas particulares, e por outro lado as disciplinas da argumentação — isto é, a Dialética e a Retórica, contrapartes do uso das formas argumentativas, que se valem das premissas particulares provenientes dos

---

<sup>2</sup> “O retorno do retórico não é contudo uma ressurreição da retórica enquanto disciplina: o império retórico foi desmembrado, as condições e o estatuto da fala pública foram reconfigurados irreversivelmente. Ademais, os esquecimentos interessados se multiplicaram, e se decretou o fim da retórica para melhor dividir seus espólios.” (Rastier, 2008, p. 83, tradução nossa). Para boas versões dessa história, ver Todorov, 2014, caps. 3-4, e o texto “Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica” (Wellbery; Bender, 1998).

demais conhecimentos. Assim, dialética e retórica cuidariam da forma da argumentação, enquanto as demais cuidariam de sua matéria.<sup>3</sup> Para o autor, à Retórica cabe mais especificamente a compreensão dos meios de persuasão, mas não necessariamente seu uso; e a retórica mantém uma relação tensa com o escopo de outras divisões, como a psicologia, a política e a ética.<sup>4</sup> Em todo caso, não se trata aqui de buscar a visão mais coerente das divisões disciplinares propostas por Aristóteles — assunto importantíssimo na história do destino das discussões metodológicas — mas de destacar a tensão constitutiva desta partilha de território: a Retórica, que partilha a *forma* de todas as disciplinas (pois qualquer arte ou ciência pode ser apresentada retoricamente), tem entretanto ela mesma suas fronteiras. Elas são demarcadas por uma distinção entre as *provas*, que podem ou não depender da arte retórica:

Quanto às provas por persuasão, algumas são alheias à arte [*atekhno*], e outras são próprias da arte [*entekhno*]. Chamo alheias à arte as que não são obtidas por nós mesmos, sendo preexistentes, como as testemunhas, as confissões sob tortura, os documentos e outras semelhantes. São *próprias da arte* todas as que nós mesmos podemos elaborar com método. Quanto às primeiras dessas provas, basta empregá-las; quanto às segundas, precisam ser inventadas<sup>5</sup> (Aristóteles, 1355b35-40 – *Retórica*, Livro I, cap. 2.2).

O que define se algo cai ou não sob o escopo das provas por persuasão (isto é, retóricas) é o fato estrito de que precisam ser “inventadas”, como traduz-se frequentemente. Portanto, tudo o que já se encontra *dado*, mesmo os documentos escritos, não fazem parte dos meios da retórica. A leitura do tratado sugere que tudo o que é alheio ao discurso efetivamente pronunciado pelo orador está fora da arte da retórica. Para Aristóteles, portanto, a *Tekhné Rhetoriké*, ainda que sua definição se concentre na “teorização”, isto é, na compreensão daquilo que pode vir a ser dito de forma persuasiva (I, 2, 1355b25), está atrelada ao conhecimento teórico das capacidades de uma arte que visa invariavelmente a *oralidade*.

Já a discussão na *Instituição Oratória* parece abrir-se um tanto mais ao que estava excluído por Aristóteles, quer em sua discussão mais estrita dos meios artísticos, quer em sua divisão mais geral dos conhecimentos. Quintiliano acena à divisão aristotélica para em seguida nuançá-la, como se vê no início do livro dedicado justamente às provas:

<sup>3</sup> Livesey, 1982.

<sup>4</sup> Para uma discussão em profundidade, cf. Romilly, 1975, cap. 4.

<sup>5</sup> Adaptado do espanhol (Aristóteles, 2018, p. 120): “En cuanto a las pruebas por persuasión unas son ajenas al arte y otras son propias del arte. Llamo ajenas al arte a cuantas no se obtienen por nosotros, sino que existían de antemano, como los testigos, las confesiones bajo suplicio, los documentos y otras semejantes; y propias del arte, las que pueden prepararse con método y por nosotros mismos, de modo que las primeras hay que utilizarlas y las segundas inventarlas”.

I. 1. Com efeito, aquela primeira divisão, estabelecida por Aristóteles, mereceu a aprovação de quase todos: que existem outras provas, que o orador afaça fora da arte oratória e ainda outras, que ele mesmo extrai da causa e produz de certo modo. Por isso, os gregos denominaram as primeiras *atekhnous*, isto é, não artificiais, e as segundas, *entekhnous*, isto é, artificiais.

2. Pertencem à primeira espécie *os julgamentos anteriores, os boatos, dados obtidos sob tortura, documentos públicos, juramentos, testemunhos [praeiudicia, rumores, tormenta, tabulae, iusiurandum, testes]*, em que consiste a maior parte das discussões forenses. Embora essa parte por si mesma não dispense a arte, é preciso contudo ressaltá-la, em todos os momentos, com os melhores recursos da eloquência, ou rejeitá-la do mesmo modo. Em vista disso, parece-me que devem ser totalmente rejeitados os que eliminaram das regras oratórias essa espécie de comprovação<sup>6</sup> (Quintiliano, 2015, p. 171).

Para Quintiliano, embora as provas referidas como “não artificiais” não sejam produzidas pelo próprio orador, é preciso ainda *alguma arte* para apresentá-las. Ou seja, a divisão entre o que está dentro ou fora da arte já não é tão estrita quanto no primeiro autor, e mesmo as provas não artificiais podem ser mais bem ou mais mal apresentadas, segundo regras oratórias. Além disso, um exame mais atento dos conteúdos do livro V, dividido entre provas “artificiais” e “não artificiais”, evidencia o estatuto dúbio exatamente das provas *por signos*. Os capítulos 2-7 se dedicam respectivamente a cada uma das provas não artificiais citadas no §2 acima. Quanto às provas artificiais, o autor as divide em signos, argumentos e exemplos: “*probatio artificialis constat aut signis aut argumentis aut exemplis*” (Quint. *Inst.* 5. 9. 1). O primeiro tipo é tratado no capítulo 9, dividido em acordo com Aristóteles entre *semeion*, *eikos* e *tekmerion*. No início do capítulo (§1), o autor discute que essa categoria deve ser considerada por si mesma, e não subsumida ao segundo tipo (os argumentos), como outros autores teriam feito. Quintiliano se justifica:

O motivo pelo qual os separei foi primeiramente *pelo fato de pertencerem de muito perto aos não artificiais*, pois uma roupa ensanguentada, a gritaria, a lividez e semelhantes são instrumentos, tanto quanto os documentos, os boatos e as testemunhas; nem são descobertos [*inveniuntur*, “inventados”] pelo orador, mas lhe são apresentados juntamente com a própria causa (Quintiliano, 2015, p. 209, grifo nosso).

Vemos que, se o nexa fundamental da delimitação da retórica estaria na divisão entre os expedientes, artificiais ou não, então os signos têm um estatuto dúbio e que ameaça a própria lógica da divisão. Na sequência do capítulo, apresenta-se a divisão dos signos como em Aristóteles: os signos necessários

<sup>6</sup> *Inst.*, 5. 1. 1-2, t.II, p.171.

não abrem disputa [*tekmeria*, §§3-7]; os não necessários estão próximos das provas não artificiais [*eikota*, §8]. *Semeion* [também *indicium* ou *vestigium*, §§9-16] se diz daquilo que permite compreender outra coisa a partir de si. Se tomados em conjunto, signos não necessários “adquirem a força de testemunho” [*testimonii loco ducitur*: *Inst.*, 5. 9. 10], o que, apesar da inexata identidade entre os termos *testis* e *testimonium*, reconduz à outra parte da divisão. O “testemunho” dos signos, ademais, aproxima por metáfora o mudo signo e a fala humana.

Quanto à divisão das disciplinas, esta já é irreconhecível em relação à de Aristóteles. Na discussão do fim do livro II, Quintiliano termina por proclamar que a matéria da retórica não consiste exatamente nas palavras (*verba*), mas nos assuntos (*res*), e não um assunto específico, mas “todos os assuntos que são propostos ao discurso do orador” (Quintiliano, 2015, p. 389).<sup>7</sup> À retórica cabe falar de tudo: não o tudo em geral, sem motivação e como por si mesmo, mas falar de *qualquer coisa* sobre a qual seja útil ou necessário falar diante das circunstâncias. Essa compreensão se aproxima da de Aristóteles quanto a sua vocação universal; porém, para Quintiliano, como para Cícero, a Retórica absorve também as prerrogativas da Dialética, ou, antes, não há divisão consistente entre uma e outra. O livro V trata indiferentemente das provas que seriam classificadas por Aristóteles como dialéticas ou como retóricas, inclusos os silogismos. Nesse movimento, a Retórica se aproxima do conhecimento em geral, e é por vezes chamada de Filosofia, seja por Quintiliano, por Cícero, ou pela principal referência grega destes, Isócrates.<sup>8</sup>

No entanto, é bem verdade que a Retórica em Quintiliano ainda tem limites claros. No contexto ainda da discussão da natureza da retórica de fins do livro II, provas como a de Mânio Aquílio, que mostra suas feridas para ganhar a causa; a de Sérvio Galba, que leva seus filhos no colo ao tribunal para despertar nos árbitros a comiseração (um dos quais sequer era dele); e a de Frines, que é absolvida antes devido à sua beleza, não poderiam ser consideradas provas estritamente retóricas (*Inst.*, 2. 15. 7-9). Essa arte, afinal, seria ainda a do convencimento através das palavras. Os assuntos propostos são apenas a *matéria* da arte, mas a *obra* que dela resulta está posta *em palavras*. É curioso apontar, entretanto, que não aparece como uma dificuldade para essa tese, ao menos em Quintiliano, que haja também uma longa discussão do comportamento *corporal* do orador ao executar sua arte (livro XI, cap. III, sobre a *actio* ou *pronunciatio*, o mais extenso da obra), ainda que seja secundária no plano geral. Perguntamos, portanto: a retórica consiste afinal em palavras, em atos, ou num misto deles? Os atos de Mânio Aquílio não participam da arte, mas os do orador, sim? Que dizer dessa tensão?

<sup>7</sup> “[...] diximus materiam rhetorices esse omnes res ad dicendum ei subiectas”. t.I (*Inst.*, 2. 21. 20).

<sup>8</sup> Vickers, 1988, cap. 1; Quintiliano, *Inst.*, 2. 15. 33.

Jamais tematizada em Quintiliano, é com olhos contemporâneos que enxergamos aqui tal tensão; e de forma aliás abertamente interessada, já que ela parece prenunciar as mudanças que acompanharemos nas seções seguintes.

## 2. O mundo como livro

Uma linha histórica traçada da antiguidade aos nossos dias haveria inevitavelmente de sofrer interferências de outras fontes, como neste parcial desvio. Uma interferência, porém, pode ser bastante fecunda. Aqui, trata-se de uma influência caracterizável vagamente como advinda das “religiões do livro”. É-nos forçoso apenas apontar nessa direção, na esperança de exortar pesquisadores futuros a dedicar-se à questão; caberá aqui apenas aludir a algumas consequências dessa influência teológica cristã nas teorias.

Citações como a de Derrida de que “não há nada fora do texto”<sup>9</sup> (Derrida, 1967, p. 233, tradução nossa), por radicalmente contemporâneas que nos soem, encontram ecos desde um passado bastante remoto. Nesse sentido, Blumenberg, criador de uma “metaforologia”, estudou a longa influência da ideia de “legibilidade do mundo” (Blumenberg, 1981). Trata-se ali de questões de ordem teológica que se misturam com as de ordem epistêmica; e o que retiramos para nossos fins atuais é apenas o alerta de que uma religião do livro tende a aproximar o ato de Criação do mundo ao ato de elaboração de um texto ou de enunciação de um discurso (o Verbo divino). É um lugar comum que Deus tenha escrito dois livros: a Bíblia e o mundo.<sup>10</sup> Assim, sob o peso da tradição cristã, a *compreensão em geral* é constantemente aproximada da leitura e da interpretação.

Se buscarmos sumariamente, e de forma francamente insuficiente, triangular este aspecto da cultura cristã à conversão do Império Romano ao cristianismo, à posterior queda do Império do Ocidente (com conseqüente analfabetização generalizada das populações europeias e restrição da leitura sobretudo aos monges), e o desaparecimento de instituições que congregassem o uso público da palavra, como haviam sido a ágora, o senado e o fórum (central para Quintiliano), torna-se verossímil uma transição da antiga Arte Oratória a uma “mera” arte da escrita, que talvez se complete apenas no Iluminismo.<sup>11</sup> Nela, caducam duas partes da divisão retórica tradicional: *a memória* e *a ação*, pois não é mais necessário decorar o discurso nem declamá-lo de fato. A “arte do bem falar” se tornaria uma arte do bem *escrever*. Correlativa e reversamente, será

<sup>9</sup> “[N]ous considérons, selon le propos axial de cet essai, qu’il n’y a rien hors du texte”.

<sup>10</sup> Curtius, 2013, cap. 15.

<sup>11</sup> Vickers descreve o deslocamento da modalidade central da retórica da fala à escrita no Renascimento, envolvida ainda com uma fusão da teoria da poesia e da prosa (1988, p. 276-286). Wellbery e Bender sustentam que a retórica tenha afundado num “mar de tinta” (1998, p. 22).

preciso também aprender a *ler* os signos do mundo e do tempo, em chave teológica.<sup>12</sup>

Apresentemos algumas provas textuais para além da literatura secundária: escolhemos para isso dois poemas de autores medievais. Alain de Lille (1128?-1202) escreve em célebre poema: “*Omnis mundi creatura / Quasi liber et pictura / Nobis est, et speculum*”.<sup>13</sup> Note-se, por um lado, que uma criatura do mundo é signo interpretado por nós: trata-se de algo como um espelho, como uma pintura, como um livro — *fidele signaculum*, “fiel signozinho”, diz verso logo abaixo. A aproximação entre pintura e livro nos antecipa a próxima seção, e aponta para uma generalização dos tipos de signos a se interpretar, bem como de um consistente paradigma de fundo para a cognição em geral *como leitura*.

Nosso segundo exemplo é retirado da obra de São Boaventura (1221-1274). Em seu *De Reductione Artium ad Theologiam* [*Sobre a recondução das artes à Teologia*], o autor escreve: “Praedicat igitur tota naturalis philosophia per *habitudinem proportionis* Dei Verbum natum et incarnatum, ut idem sit ‘alpha et omega’, natum scilicet in principio et ante tempora, incarnatum vero in fine saeculorum”.<sup>14</sup> Note-se a aproximação com as letras alfa e ômega, presente na Bíblia, e com a Palavra de Deus, que em chave teológica é referida ao mundo como um todo.

É notável a permanência da tópica do mundo como livro, em seus vários usos ao longo dos séculos: ora para exaltar a interpretação da Bíblia como paradigma do conhecimento, ora para dispensar qualquer conhecimento livresco, mesmo bíblico (e seria então possível *ler* diretamente o mundo, sem a mediação dos livros).<sup>15</sup> De todo modo, lembramos ainda a célebre aproximação de Galileu, em *O Ensaíador*, da natureza como livro (escrito porém em caracteres “matemáticos”, mormente geométricos), e destacamos a aproximação consistente da pesquisa especializada sobre Leibniz às teses de São Boaventura, tanto na flexibilização da noção de “espelho” [*speculum*] e “harmonia” do universo<sup>16</sup> quanto na teorização extremamente abstrata de uma teoria da “expressão” que se pauta exatamente nas “*habitudines*”.<sup>17</sup> Embora estas sejam

<sup>12</sup> Um dos trabalhos mais úteis para seguir essa senda estaria sem dúvida na obra de Umberto Eco, *A Busca da língua perfeita na cultura europeia* [trad. bras. 2018], tanto no que diz respeito à fala quanto à escrita, assim em suas interferências recíprocas e arriscadas assimilações.

<sup>13</sup> *apud* Curtius, 2013, 15.7: “Toda criatura do mundo / É como um livro e uma pintura / Para nós; e um espelho.” (tradução nossa).

<sup>14</sup> §20: “Portanto, toda a filosofia natural predica *por relação de proporção* o Verbo de Deus nascido e encarnado, para que seja como ‘alfa e ômega’, evidentemente nascido no princípio e antes dos tempos, e encarnado verdadeiramente no fim dos séculos.” (tradução e grifo nossos).

<sup>15</sup> Blumenberg, 1981, cap.6.

<sup>16</sup> Agradecemos esta análise a Emanuel Stobbe, em sua comunicação no Primeiro Congresso Christian Wolff, em Londrina-PR, 2023.

<sup>17</sup> Leibniz, 2017.

indicações que precisem, sem dúvida, de pontes mais robustas, elas estabelecem uma via régia insubstituível para tais mudanças.

Se o mundo for como um livro, onde estaria a distinção entre provas artificiais e não artificiais? Neste caso, aproxima-se por metáfora natureza e artifício, e o próprio nexos da distinção parece dissolver-se: se todo signo é como um discurso, se toda criatura é um enunciado de Deus a ser lido, se a natureza é arte divina, então a divisão entre o que é ou não parte das provas, entre o que é dado e o que é inventado, o que cabe ou não à arte, no caso do discurso/artifício divino, já não faz sentido. A divisão parece começar a vacilar através de uma influência teológica geral.

### 3. Da arte retórica à arte em geral

A metáfora do livro revela-se importante na história da dissolução da distinção entre o que se encontra dentro ou fora do escopo da retórica. No Renascimento, há uma consistente redescoberta e valorização das obras dos retóricos antigos, com o retorno das doutrinas e edição de obras de Cícero, Quintiliano, Horácio, Dionísio de Halicarnasso, Hermógenes de Tarso, etc.<sup>18</sup> Nesse contexto, a continuação de nossa história parecerá incidir não sobre a distinção entre arte e natureza, mas entre arte e ciência.

Para Aristóteles, particularmente influente entre os séculos XII e XVI, a retórica e a dialética são *artes*. É apenas uma região muito específica da dialética que poderia ser chamada de “ciência”: aquela que versa sobre os assuntos em que há consequência necessária a partir de premissas inquestionáveis, e que só se encontraria em certos tipos de silogismo ou de dedução matemática, vindo a receber a alcunha de Lógica. À arte cabe o conhecimento seguro do que é contingente — e para Aristóteles a matéria traz inevitavelmente consigo a contingência, visto que no mundo sublunar a matéria muda continuamente.<sup>19</sup> Ela envolve portanto o uso do corpo: são *artes* tudo o que se faz na prática, e que exige por isso lidar com o caso particular: medicina, retórica, música, metalurgia, etc.

Também no Renascimento, encontra-se um movimento de autopromoção por artistas de diferentes tipos, principalmente os pintores. Visando alçar-se à posição de artistas liberais, como conhecedores das matemáticas (*Quadrivium*) e das artes do discurso (*Trivium*), os pintores italianos desta época buscarão se retratar como conhecedores destas artes superiores, aplicando-as assim à sua arte particular, visando elevá-la; dentre aquelas, destaca-se a Retórica, considerada à época, e por influência da recuperação dos textos, o cume da

<sup>18</sup> Cf. ainda o capítulo sobre a “reintegração” da teoria retórica no Renascimento em Vickers, 1988.

<sup>19</sup> Porchat Pereira, 2001, p. 40.

educação do homem livre. Nesse contexto, destacam-se principalmente a obra *Da Pintura*, de Alberti, e a *Vida dos Artistas* de Vasari.<sup>20</sup>

Em parte por essa motivação, ocorre na época uma ampla transferência das categorias da doutrina retórica às demais artes.<sup>21</sup> A comparação entre a pintura e a poesia, e entre as artes em geral, estava presente de forma consistente desde os antigos;<sup>22</sup> porém, nesse movimento como ocorrido na aurora da modernidade, a Retórica como que se generaliza, tornando-se simplesmente “a arte” — posição ocupada, em outros períodos e contextos, por outras disciplinas que igualmente se propuseram como paradigma do conhecimento humano em geral, como a teologia, a medicina ou a alquimia. No caso da retórica, é favorável que fosse, além de considerada o mais alto ponto da educação humanista e do curso universitário de Artes, ainda tomada como ponto de partida das artes mais específicas dos cursos superiores: a interpretação da Bíblia na Teologia, a interpretação da lei na Jurisprudência, e a “leitura” dos sintomas na Medicina.<sup>23</sup>

No caso da pintura, há sobretudo a noção de *composição*, originalmente de um discurso, em seguida de um texto, enfim de um quadro. Mas a transferência vai mais longe: as categorias retóricas da invenção e da disposição se aproximam da de *desenho*, enquanto a elocução aproxima-se da cor. Há então, por influência das demais artes, outras formas de conceber o todo do conhecimento humano, e a aproximação com a teologia, sempre à espreita, encontrará no intelecto divino a mesma semelhança. Deus é como um orador? Ora, ele é também como um pintor, que *desenha* suas obras, as “projeta”, antes de produzi-las.<sup>24</sup> Esses curtos-circuitos conceituais, difíceis de retrair em pormenor, galvanizam todas as artes rumo a um discurso geral da “Arte” que tem a sombra da Retórica como modelo fundamental, já que é essa a arte que cuida, segundo a divisão tradicional, dos usos mais elevados, elaborados e completos do discurso.

Quanto a este momento, que pode ser generosamente delimitado entre 1350 e 1650, é suficiente reter para nossos fins que há um movimento geral (embora não homogêneo) de unificação disciplinar, ao menos teórico, ou ao menos como projeto. Esse mesmo período conhecerá movimentos como o dos primeiros enciclopedistas e a criação de um “pansofismo” para sanar o desejo de uma compreensão completa dos conhecimentos humanos, incluindo diferentes

<sup>20</sup> Cf. Baxandall, 2018 [1971], p. 1-50, em especial p. 31-44 (“The rhetoric of comparison”), e o exemplo decisivo de comparação entre escrita e pintura, p. 25-26. Cf. ainda sobre o período Chastel, 2012.

<sup>21</sup> “Rhetoric and the Sister Arts”, em Vickers, 1988.

<sup>22</sup> Pensamos aqui por exemplo na referência de Plutarco a Simônides (“a pintura é a poesia muda; a poesia, a pintura que fala”) e na celeberrima divisa Horaciana, *ut pictura poesis* (“a poesia é como a pintura”). Para um recenseamento mais completo, ver a tese de Yuri Ulbricht (2024).

<sup>23</sup> Ong, 1958, cap. 6, p. 131 *et seq.* Lembremos que a arte da interpretação dos sintomas se chama *semeiotiké*.

<sup>24</sup> Agradecemos este apontamento a Pedro Fernandes Galé.

estratégias que se servem dos dispositivos conceituais da retórica (embora não exclusivamente).<sup>25</sup> Ao mesmo tempo, a chamada “revolução científica” haverá de aproximar, de diferentes formas, as ideias de ciência e de arte. Em Francis Bacon, isso já está claro: todo saber é um *saber fazer* (Rossi, 2006, *passim*). Ora, a categoria do saber fazer é exatamente a *arte*. As categorias das *artes sermocinales*, “triviais” (gramaticais, dialéticas e retóricas), são movimentadas em toda parte rumo a uma teoria geral do conhecimento que, desde meados do século XVI, passaria a ser chamada correntemente de *método*.<sup>26</sup>

#### 4. Gramática Geral: a passagem a todos os sentidos

O tema do método será desenvolvido enquanto *gramática* no contexto do iluminismo francês. Até aqui, entre conflitos disciplinares, mostramos alguma tensão entre a dialética e a retórica já na antiguidade. No contexto das artes do *Trivium*, a partir das mutações ocasionadas no Renascimento e pelo advento das discussões em torno do “método”, o cenário também se compreendeu como uma disputa entre a dialética, assimilada aos autores ingleses medievais, e a retórica promovida pelo chamado humanismo italiano. Outras linhagens chegam à discussão para propor outras relações entre dialética e retórica, como Pierre de la Ramée, que entretanto não reina só. Essas discussões, recuperadas mais uma vez em contexto inglês em torno de uma “chave universal”<sup>27</sup> no século XVII, misturam-se a outras influências. No fim do século, é John Locke, versado em medicina, quem repropõe com sucesso um método de divisão dos assuntos em a) física, b) moral e c) uma terceira área, relativa aos signos e às palavras, para a qual ele sugere recuperar o termo *semeiotiké*.<sup>28</sup>

John Deely, em sua história geral da semiótica, reconhece no momento lockeano a transição a uma nova era:

A singularidade da proposta de Locke, o que é novo e útil nela, consiste no fato de que, enquanto as divisões anteriores separavam a lógica de uma forma ou de outra dos outros braços do conhecimento, Locke em contraste propõe uma distinção que une. A Lógica como semiótica — quer dizer, como *uma* semiótica, uma parte da semiótica — não é apenas um caso entre outros de ciências separadas ou “corpos de conhecimento”. Ao contrário, é uma disciplina que afeta todo o conhecimento exprimível na linguagem, e explora a dimensão comum a todas as formas tais de conhecimento, precisamente na medida em que seus objetos fazem parte e formam a substância da experiência humana, através da sempre crescente e mutável rede de relações sgnicas em que

<sup>25</sup> Rossi, 2000, cap. 6.

<sup>26</sup> Ong, 1958, cap. 11, p. 225 *et seq.*

<sup>27</sup> Rossi, 2000, cap. 7.

<sup>28</sup> *Ensaio*, IV, 21,§4 *apud* Deely, 2002, p. 593-594. Locke tem um método de indexação de muita fortuna à época e contido no vol. 3 de suas obras completas: *A New Method of Making Common-Place Books*, 1706.

consiste a experiência, e que a linguagem traduz em expressão discursiva<sup>29</sup> (Deely, 2001, p. 606-607, tradução nossa).

Para Deely, a solução de Locke é a de encarar a ambiguidade de fazer a *semeiotiké* cumprir duas funções ao mesmo tempo: ela é ao mesmo tempo uma disciplina à parte, uma das três regiões; e ela é instrumento das demais, isto é, todo o campo do conhecimento. Contudo, vemos na alcunha de “Lógica” como ali concebida, talvez em aceno à divisão estoica, a presença tensa de todas as artes do *trivium*, inclusas gramática e retórica. Percebe-se com isso que este termo não é unívoco através de períodos e autores, mas antes um campo de disputa.

Deely não considera que esse importante avanço tenha sido retomado por seus sucessores imediatos. Contrariamo-lo aqui ao defender que é possível enxergar o destino dessas reflexões justamente na França no século XVIII, apesar de não contarem entre as preocupações daquele autor.<sup>30</sup> A filosofia inglesa é muito admirada pelos franceses setecentistas, e podemos encontrar uma interpretação das divisões como proposta por Locke em autores como Du Marsais, Beauzée e Condillac. Apesar de em geral subestimado, o período é muito fecundo para o avanço da mutação dessa *teoria da linguagem* (termo mais justo, visto que não se compromete com as divisões disciplinares aqui em questão) em uma espécie de protossemiótica quando considerada como uma *gramática geral*.

O gramático Du Marsais desenvolve em suas reflexões sobre a linguagem algumas direções propostas por Locke. O nominalismo lockeano está presente em sua teoria das abstrações, atividade-fonte da produção das palavras. Em Du Marsais, temos ainda o desenvolvimento da noção moderna de sintaxe como uma ordem simultânea entre as ideias que permanece quando abstraídas as formulações particulares (Chevalier, 2006 [1968]). Com o *Tratado dos Tropos* [1730], cujo subtítulo é “ou dos diferentes sentidos [sens] em que se pode tomar uma mesma palavra numa mesma língua”, desenvolve-se uma teoria da sinonímia que supõe as noções como enredadas umas nas outras (cujos antecedentes se encontrariam também no renascimento, cf. Baxandall), de modo a compor através de suas relações recíprocas as distinções do mundo, sempre relativas entre si e ao sistema gramatical. Com o *Método Razoado para Aprender a Língua*

---

<sup>29</sup> “The uniqueness of Locke's proposal, what is usefully novel about it, consists in the fact that, whereas the earlier divisions separated logic in one way or another from the other branches of knowledge, Locke proposes in contrast a distinction which unites. Logic as semiotic — that is to say, as a semiotic, a part within semiotics — is not just one among other, separated sciences or 'bodies of knowledge'. On the contrary, it is a discipline which affects all knowledge expressible in language, and explores the dimension common to all such forms of knowledge precisely as their objects enter into and form the substance of human experience through the ever growing and shifting network of sign relations in which experience consists and which language translates into discursive expression”. É de se notar que Deely, na esteira de Peirce, prefere sondar os desenvolvimentos escolásticos das teorias do signo, sob a alcunha *Lógica*, negligenciando amplamente o lado retórico (“humanista”) que valorizamos aqui. É certo que ambas as tendências reverberam atualmente.

<sup>30</sup> Deely menciona Condillac em nota, e, após uma avaliação apressada que subestima sua contribuição, admite que “há espaço aqui para muito mais pesquisa” (2001, p. 593, nota, tradução nossa).

*Latina* (1722), ele desenvolve a noção de “tradução interlinear”, que dispõe didaticamente as frases de duas línguas distintas em paralelo, com uma linha adicional entre as duas que adapta as regras da primeira à segunda de forma intencionalmente imprópria, de modo a explicitar as aproximações e as diferenças entre as maneiras que diferentes línguas têm de dispor as mesmas “ideias”. O resultado é a transformação do latim em francês numa sequência de dois passos. Nessa concepção, a língua ao mesmo tempo decifra e expressa o mundo, e a própria noção de “signo” tomará a frente.

O celebrado gramático da Enciclopédia motiva, afinal, o desenvolvimento de uma “gramática geral”, cuja generalidade consiste, precisamente, em abstrair a língua particular. Condillac leva essas reflexões a outras consequências: a “gramática”, daqui em diante, não trata tanto da língua em sentido próprio, mas de quaisquer línguas em geral. A “língua” já é tomada em sentido figurado e expandido, pois para o autor *a própria experiência está codificada semioticamente*, e a língua em sentido próprio será entendida como apenas outra “versão”; ademais, “interlinear”:

A versão interlinear, imaginada pelo Sr. du Marsais, é sem dúvida o melhor método para ensinar uma língua. Ora, este é precisamente o método que segue uma criança que aprende a língua de seus pais. Que com efeito se pronuncie o nome de uma coisa, assim que ela mostra, por seus movimentos, que a deseja; ela julgará em breve que este nome é o signo da coisa mesma, e ela concluirá que o pode substituir a seu gesto. Sua ação se torna então, de alguma forma, a versão interlinear das palavras que ela entende; ela é a tradução da língua que se lhe ensina (Condillac, 2016, p. 147-148).

Ora, isso só é possível porque Condillac, apoiado em Locke e Du Marsais, estabelecia desde sua primeira obra (de 1746) a primazia dos signos para a imaginação e a memória. No posterior *Tratado das Sensações* (1754), o funcionamento em concerto de todos os sentidos (olfato, paladar, audição, visão, tato) se desenvolverá explicitamente como uma rede de signos. Essa obra lança as bases da citação acima, mas também dos desenvolvimentos da mais tardia *Gramática*, cujo primeiro livro trata desta “gramática geral” que parte da “linguagem de ação”, isto é, dos *movimentos corporais* que educam os sentidos e estruturam certa gramatização da experiência. Nesse momento, o autor menciona a então recente gramatização da língua de sinais dos surdos-mudos na França pelo abade de l’Épée.<sup>31</sup>

Essa ampliação semiótica da “*gramática geral*” motiva uma nova divisão dos signos em Condillac: há doravante apenas signos *naturais* ou signos

---

<sup>31</sup> Condillac, 2016, p. 160-161, nota.

*artificiais*.<sup>32</sup> A divisão evoca aquela outra, de onde partimos, entre provas extra-técnicas ou técnicas: as primeiras eram os *dados* movimentados (retoricamente, diria Quintiliano); as segundas seriam todas as demais. Ora, para Condillac são signos “naturais” apenas os primeiríssimos estímulos orgânicos originais, coordenados pelo arco reflexo da economia animal. A partir do momento em que há intencionalidade nas ações, todos os signos são igualmente artificiais. O “natural” faz parte da gramática geral, mas é uma espécie de verniz assintótico, ao qual não se pode chegar propriamente. Portanto, tudo se torna arte.<sup>33</sup>

Embora esse período, que abstrai de um sentido restrito de signo em favor de uma noção universalizante do conceito, seja chamado de “associacionismo” e frequentemente subestimado, ademais mormente mal lido quando tem a sorte de sê-lo, é possível encontrar nele a preparação de uma unificação e fundamentação das ciências humanas através justamente do expediente semiótico.<sup>34</sup> Especialistas da história das ideias linguísticas enxergam-no com admiração, e certamente ele é valioso por si mesmo se quisermos visitar as origens e motivações de um projeto de disciplina única que agregue e movimente todos os conhecimentos humanos sob a égide de uma semiótica pervasiva, e que não se limitam à *Encyclopédie*.<sup>35</sup>

Quanto à distinção entre semiótica e retórica em Condillac, é curioso contrapor duas abordagens: por um lado, Todorov intitula seu capítulo sobre os autores mencionados nesta seção de “Fim da Retórica”.<sup>36</sup> Por outro, os seminários feitos por Derrida em 1972 a respeito das filosofias de Condillac e Rousseau se intitulava “Retórica e Filosofia no século XVIII”.<sup>37</sup> Ao levarmos a sério ambos os autores, percebemos que o momento é crucial para uma espécie de morte e renascimento da Retórica, agora transmitida pela disseminação do uso da categoria “signo” e pela forma como as categorias retóricas se imiscuem à chamada “gramática geral”, no momento mesmo em que a alcunha “retórica” desaparece, e num movimento em que se busca ademais a unificação entre as duas restantes partes do *trivium*, a Lógica e a Gramática:

Toda língua é um método analítico, e todo método analítico é uma língua. Estas duas verdades, tão simples quanto novas, foram demonstradas; a primeira em minha gramática, a segunda em minha lógica, onde se viu, de maneira convincente, que elas lançam uma luz

<sup>32</sup> Para a mudança por Condillac de uma teoria dos signos dividida em *acidentais*, *naturais* e *arbitrários* a esta outra, em *naturais e artificiais*, ver Silva, 2023.

<sup>33</sup> “A arte é doutrina defendida por Condillac.”, Kossovitch, 2011, p. 29.

<sup>34</sup> Para outra defesa dessa tese, cf. Bertrand, 2010.

<sup>35</sup> Cf. principalmente Chevalier, 2006; também Auroux, 1992, e Aarsleff, 1982.

<sup>36</sup> Todorov, 2014 [1977], cap. 3.

<sup>37</sup> Cf. a introdução dos editores a Derrida, 2020, p. 10 e nota. Derrida classifica a filosofia de Condillac como “un projet de sémiotique générale, lié à une rhétorique générale” (1972b, séance 6, p. 5).

sobre a arte de falar e a arte de raciocinar, que reduzem a uma só e mesma arte (Condillac, 2016, p. 213).

Do ponto de vista elaborado na *Língua dos Cálculos* (1798, póstuma), de cuja introdução a citação acima é extraída, sequer a matemática está livre da absorção pela retórica-semiótica que é a gramática geral, e mesmo o cálculo algébrico será reconduzido a ela.

## 5. Semiótica como *mathesis universalis*

A menção à matemática nos ocasiona retornar a outros braços do movimento de unificação mencionado na seção IV, que o conjugam, segundo a historiografia consolidada, ainda a algo de neoplatônico, ou talvez de estoico<sup>38</sup>, na figura de uma única *disciplina geral* que seria capaz de dar conta de todas as demais. Se em Platão tratava-se da Dialética e, em Cícero e Quintiliano, da Retórica, haverá ainda uma influência matemática advinda de Proclo e suas especulações a respeito de uma *mathesis universalis*, uma “disciplina universal”, que vingará no século XVI ao ser incluída na *editio princeps* dos *Elementos* de Euclides (1539), e levará a discussão adiante.<sup>39</sup>

Embora o termo seja usado principalmente para a elaboração de uma disciplina *matemática* geral, sobretudo na relação entre geometria e aritmética, a palavra *mathesis* se refere originalmente a uma “disciplina” qualquer, e não especialmente à matemática.<sup>40</sup> A ênfase nas matemáticas não é de forma alguma imprópria; todavia, enfatizamos que seria preciso verificar também como a “dialética”, a “Lógica”, mas também posteriormente a “Gramática geral”, se inserem nessa história. Em todo caso, está claro que o arranjo toma diferentes formas em diferentes autores e períodos.

Na obra do filósofo alemão G.W. Leibniz também se percebe um esforço notável de recondução de todos os conhecimentos a uma mesma “lógica” comum, e que inclui as matemáticas (Pelletier, 2013). O termo lógica, corrente no XVII e central também a Locke, como se viu, pode ocasionar desentendimentos, uma vez que as preocupações de Leibniz chegam também a uma *teoria dos tropos* que já foi classificada como uma “semiologia” sem concessões (Dascal, 1978). Um dos exemplos centrais de Leibniz de *expressão*, aliás, se dá em relação à representação visual: um círculo se “expressa” na pintura como uma elipse quando retratado de um ângulo oblíquo (Leibniz, 2017).<sup>41</sup> Entre os

<sup>38</sup> Cf. Deely, 2002; Livesey, 1988.

<sup>39</sup> Cf. Rabouin, 2009.

<sup>40</sup> Note-se que a célebre obra de Sexto Empírico, “Contra os Matemáticos”, se volta entretanto contra os gramáticos, os retores, os astrólogos...

<sup>41</sup> O termo em latim é *habitus* (“relação?”).

desenvolvimentos de seu pensamento, inclui-se ademais uma teoria matemática das funções que permite mapear uma “língua” em outra.

O que esses desenvolvimentos mostram, acreditamos, são valiosos caminhos alternativos rumo a um mesmo objetivo, qual seja a elaboração de filosofias integrais dos signos que permitam chegar a uma “arte total”, uma disciplina geral capaz de prover os fundamentos comuns a todo o pensamento. Du Marsais e Condillac, aliás, não estavam alheios aos desenvolvimentos leibnizianos de uma teoria mais ampla dos signos.

Ademais, a intromissão das matemáticas não põe a perder a preponderância do *trivium* em certas interpretações do método. A este respeito, é Rastier quem nos esclarece, ao mostrar a manutenção das antigas artes *sermocinales* como fonte das reflexões generalizadas do funcionamento dos signos (Rastier, 1990). Não por acaso, mostra-nos o autor, mesmo Peirce cogita classificar sua semiótica através de uma divisão entre “gramática geral”, “lógica” e “retórica geral”. Trata-se, parece-nos, de diferentes estratégias de unificação das disciplinas. Se ou quando essa unificação vingar, haveria então uma *única disciplina única*, fora da qual não haveria mais nada. Seria a expulsão definitiva das provas extra-técnicas, uma vez que não haveria nada de “extra” a ela: esta *arte das artes*<sup>42</sup> englobará todos os assuntos possíveis de se tratar.

Está claro que este objetivo comum pode ser buscado de variadas formas: o logicismo absoluto, a matematização exacerbada, diversas formas de concepções de retórica, de semiótica, de linguagem, etc. Como quer que seja, está clara a operação fundamental de metáfora e de comparação como constitutivas da história dessa questão, bem como dos expedientes lógicos que se valem da noção de signo. Os conteúdos atribuídos à retórica na antiguidade ainda vicejam neste espaço de questões, mas parecem ter se movido decididamente a uma abordagem mais aberta, em que o “signo” genérico efetua a unificação de um campo comum de pesquisa e reflexão.

Para Klinkenberg (2008), uma das semelhanças entre semiótica e retórica está em que são ambas “ciências-encruzilhada”. Ele reconhece a importância de uma “enciclopédia” de fundo, que funde os tópicos em qualquer intervenção semiótica, e afirma a tentação da “pan-retoricidade”, em parte por ser a retórica ao mesmo tempo “*prática e teoria da palavra e da enunciação*” (p. 48). Exatamente por isso

A atualização consiste portanto em se perguntar se a retórica e semiótica, em seus estados respectivos atuais, encontram ainda um terreno de concórdia no plano mais geral de conceitualização. De resto, não é oportuno limitar esta atualização às relações que a

---

<sup>42</sup> “Dialectica est *ars artium*, scientia scientiarum, ad omnium methodorum principia viam habens; sola enim dialectica probabiliter disputat de principiis omnium aliarum scientiarum, et ideo in acquisitione omnium aliarum scientiarum dialectica debet esse prior” (Petrus Hispanus, séc. XIII, *apud* Ong, 1958).

retórica mantém apenas com a semiótica: ela pode se estender às ciências da linguagem em geral<sup>43</sup> (Badir; Klinkenberg, 2008, p. 08, tradução nossa).

No entanto, o argumento final do autor visa a reservar à “retórica” o campo da antiga *inventio* na noção de “criatividade” do sistema, apenas a primeira parte (de cinco) da retórica, mas que também quase coincide com o antigo critério aristotélico. Não estamos, portanto, tão longe de outro tipo de “retórica restrita”. É verdadeiro, como bem observa o autor, o peso da partilha institucional do conhecimento universitário para impor essas divisões. Porém, tal manobra nos parece uma tentativa de solução que preserva ao termo *semiótica* a mais alta dignidade, e restringe a retórica a um setor especializado (embora importante).

## 6. Conclusão: a generalização gradual da arte-técnica

Se este percurso tiver podido prover alguns elementos mínimos de continuidade e de ruptura entre a retórica como concebida na antiguidade e as contemporâneas concepções da semiótica, delineia-se um caminho que tende à exclusão de qualquer domínio alheio ao do discurso. Entretanto, por este último termo se toma algo gradualmente mais amplo: trata-se de uma absorção contínua de todas as áreas do conhecimento por um discurso sobre a língua. Para que tal coisa se dê, é preciso dobrar o próprio sentido de discurso e de texto. Não se trata portanto de defender que tudo seja propriamente um texto, mas que tudo seja “texto”, isto é, signos que precisam ser lidos.

Para realizar minimamente a tarefa, foi preciso recorrer a uma série de pontos de vista globais sobre diversos assuntos. O cruzamento dessas perspectivas evidenciará que, verossimilmente, o momento mais propício a encontrar as transições da retórica à semiótica se encontra em algum momento do início da era “Moderna”; e por precaução ampliaremos esse período para algo entre 1300 e 1800, mesmo que possam ser encontrados prenúncios dessas tendências em momentos anteriores, e resistências a elas também em momentos posteriores. Ademais, seria preciso integrar a esse recenseamento, dedicado sobretudo à dita tradição “ocidental”, outras tradições, outros povos, e outros momentos da história universal. Não nos parece improvável que o fascínio pela leitura e pela escrita tenha rendido frutos semelhantes em outras épocas e lugares.

O trabalho que nos propusemos aqui foi o de arranjar provisoriamente alguns mapas disponíveis, manipulando notícias de províncias que nem sempre

---

<sup>43</sup> "L'actualisation consiste donc à se demander si la rhétorique et la sémiotique, dans leurs états actuels respectifs, trouvent encore un terrain d'entente au niveau le plus général de conceptualisation. Du reste, il n'est pas opportun de borner cette actualisation aux rapports que la rhétorique entretient avec la seule sémiotique : elle peut s'étendre aux sciences du langage en général".

se pôde visitar. Embora francamente insuficiente sob muitos aspectos, este não deixa de ser um exercício útil e *heurístico* (não se tratava a Retórica da *inventio*?) para que novas iniciativas busquem explorar os territórios referidos, com o objetivo de confirmá-los, refutá-los ou aprimorá-los.

Os discursos sobre as diversas artes podem ser unificados ao serem compreendidos pelo aspecto de artes do discurso. Entretanto, seria perfeitamente possível protestar quanto à notável insuficiência dessas passagens: afinal, uma imagem definitivamente *não é* um texto. Os dados dos diferentes sentidos não se reduzem uns aos outros, não podem ser completamente assimilados, e permanecem singulares em si mesmos.

A essa objeção legítima, é preciso oferecer a ressalva de que, se este movimento for compreendido da forma que nos parece adequada, não se tratará de “reduzir” as disciplinas a uma única no sentido contemporâneo desse termo, mas apenas de *reconduzi-las* (isto é, segundo o sentido etimológico) a um aspecto comum, de forma a possibilitar um intercâmbio generalizado entre os conhecimentos.<sup>44</sup> Dessa forma, a adaptação das diferentes atividades a um quadro conceitual haurido da leitura e da escrita só se torna possível por uma operação de metáfora.<sup>45</sup> A categoria da metáfora, por sua vez, tem origem na teoria retórica da elocução. Portanto, ela se encontra em situação próxima à da *semeiotiké* lockeana segundo Deely: parte e todo ao mesmo tempo. Mesmo que “Retórica” não seja mais o rótulo da disciplina-mãe, é em seu âmbito que se desenvolvem as discussões em torno do conceito central a uma integração disciplinar consequente, isto é, que permita aproximar as especialidades sem desfigurá-las em favor de algumas e às expensas das demais. É a essa presença difusa da Retórica, sem dúvida diferente em sua forma contemporânea, que Wellbery e Bender (1998) chamavam de *retoricidade*.

Entretanto, se o quadro aqui delineado estiver correto, não se tem ainda solução alguma para os principais problemas metodológicos levantados. Apenas se apontou uma operação metafórica, histórica e gradual, que fez com que conceitos originados nas teorias da fala, da escrita e da leitura se disseminassem por outras áreas, estruturando-as em torno de um eixo comum, além de se ter defendido a legitimidade desta operação. Contudo, isso não determina quais as propriedades de uma metáfora, até onde ela é pertinente, e, sobretudo, não se

---

<sup>44</sup> A redução no sentido corrente busca, ao contrário, anular algumas disciplinas em favor de outras. É o “eliminativismo”, como denunciou Stengers (2007) em artigo que, aliás, olha com bons olhos para o contexto do século XVIII francês. Na perspectiva eliminativista, o método depende de uma divisão estrita entre as disciplinas, tornando a operação de redução excludente, autoritária e inaceitável. Observe-se ainda que a mencionada obra de São Boaventura se valia do termo em outro sentido: “Sobre a redução [*reductione*] das artes à Teologia”.

<sup>45</sup> Klinkenberg (2008, pp. 53-54, nota 6) busca distinguir os termos analogia, semelhança, comparação, metáfora. Na perspectiva que adotamos, que encontra antecedentes na gramática geral setecentista, o expediente analógico é suficiente para unificar as demais noções, pondo a perder a distinção aludida entre *similitudo* e *comparatio*.

deu qualquer garantia de que essa assimilação por metáfora de fato não põe a perder os conteúdos próprios de cada disciplina.<sup>46</sup>

Na passagem da retórica à semiótica, subjaz uma noção de *arte* (não necessariamente distinta da de *ciência*, como vimos) que permite unificar os “dados” dos demais sentidos. É curioso observar que, na indistinção entre o artístico e o não artístico, a unificação pode se dar pelo viés do que era alheio à arte — exatamente o que não era elaborado pelo orador, mas encontrado como tal e apenas manipulado, isto é, o “dado”, caro às teorias da informação, e detectável na análise por Quintiliano do signo como prova artificial. Cremos ter provido motivos que tornem verossímil tal constatação como indício da passagem da escrita à leitura como metáfora central.

A valorização da receptividade dos sentidos (os dados da experiência, justamente) não passava incólume à influência da tradição retórica, conjugada à priorização do *pathos* como fonte artística primeira na filosofia das luzes.<sup>47</sup> Parece-nos que essa decisão permanece ainda hoje, mesmo quando não há consciência expressa dela. Em todo caso, cabe ressaltar a priorização do corpo nesse mesmo contexto, que não coincide com uma compreensão “mecanicista”, mas antes com uma espécie de campo geral do sentido e da experiência. A prioridade do corpo na compreensão do mundo é algo que a gramática geral permitiu compreender, e que parece ter resistido em diferentes vertentes até a contemporaneidade.

Ora, é exatamente o uso do corpo que caracterizava a *arte* em oposição à ciência; mas vimos que esses conceitos tendem então a se confundir. As tentativas prosseguiram até os nossos dias: a semiótica peirciana; a semiologia de Saussure e seus desdobramentos estruturalistas; os fundamentos da teoria dos signos de Morris, produzidos no contexto de uma “enciclopédia unificada da ciência”; a fenomenologia, a cibernética, a hermenêutica, até abordagens recentes que se proclamam “biossemióticas”. A história da unificação das disciplinas em busca de um método comum, detectável desde tempos bastante remotos, permite reescrever uma história da metodologia a contrapelo das balizas tomadas mui apressadamente por uma adesão irrestrita e acrítica à historiografia dos manuais, que priorizou (por motivos ideológicos) uma demarcação estrita entre *ciência* e *não ciência*. Em nossos tempos, ao contrário, torna-se gradativamente possível voltar a explicitar que o método gira, desde há muito, em torno de categorias linguísticas e semióticas, e que a cientificidade como

---

<sup>46</sup> Como o receia por exemplo Vickers (1988), em “Epilogue: The Future of Rhetoric”.

<sup>47</sup> Cf. Sermain, 1999. A interseção com a poética também se anuncia desde Aristóteles, tanto por comparações com a pintura, como pelas discussões transversais do *páthos*, ocorrendo não apenas na *Retórica* (particularmente no livro II), mas ainda na *Poética* e no *De Anima*. A complicação desses temas diante de uma “psicologia”, disciplina igualmente nascida, em sua forma moderna, no século XVIII (Wolff, Condillac), é questão adicional.

frequentemente compreendida é um expediente de poder que não detém o monopólio da coerência e da solidez argumentativas.<sup>48</sup>

De todo modo, as divisões disciplinares atuais parecem mais tributárias das políticas institucionais universitárias do que de qualquer critério verdadeiramente pertinente de divisão social do trabalho intelectual. Ao contrário, o movimento de reunificação que mostramos neste texto, em suas feições mais genéricas e desde uma história remota, está constantemente denegado pelas associações atuais de pós-graduação, bem como pelo *marketing* reinante na vida pública como um todo, que exige *brandings* sensacionalistas a cada novo movimento intra- ou interdisciplinar. Quanto à matéria propriamente em questão, isto é, a disciplina geral capaz de estabelecer relações entre todas as esferas da vida humana, Derrida é o autor que nos soa mais profético:

Zarpam portanto, salvo exceção e enquanto tais, os arqueólogos, os filósofos, os hermeneutas, os semioticistas, os semanticistas, os psicanalistas, os retóricos, os teóricos da poesia, talvez até mesmo todos os leitores que ainda crêem na literatura ou no que quer que seja (Derrida, 1974, p. 50b).

Essa reunificação não buscaria destruir as especialidades, mas reorganizá-las de modo mais fecundo. Há muita esperança nos intercâmbios atuais entre a retórica e a semiótica. Todavia, talvez eles devam ser levados ainda mais longe, ao buscar uma peregrinação geral do conhecimento às demais humanidades, às demais ciências, às demais artes. Não cremos que devamos nos importar demais com os superficiais rótulos dados às diversas províncias do saber, mas antes enfatizar como elas constituem um campo comum.<sup>49</sup> Num tal contexto, a reunião das “neoretóricas” (J. L. Fiorin, J.-F. Bordron, H. Parret, J. Fontanille, entre outros) deveria ser entendida como uma multiplicação de fatores/aspectos que se complexificam e proliferam, não como uma soma de componentes díspares finitos que se opõem. Como quer que o futuro se desenhe, é a esse amplo campo aberto, em que as fronteiras se flexionam, que as pesquisas haveriam de visar. ●

---

<sup>48</sup> Isso foi denunciado, de forma mais célebre, por Latour em *Jamais fomos Modernos*, sua escola é, deve-se lembrar, a Teoria do Ator-Rede, também chamada de “Sociologia *da Tradução*”. Podem-se multiplicar os exemplos dessa retomada, como se faz na obra de Badir e Klinkenberg. A Retórica nos EUA, segundo Kenneth Burke, foi impulsionada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, mas também pelo chamado “segundo” Wittgenstein. Em Linguística, Antropologia, Psicanálise, Teoria Literária, até Etologia, tudo pode ser lido como uma convergência à abordagem global do signo e do sentido. Recentemente, um colóquio sobre a atualidade do estruturalismo foi organizado pela PUC-SP nos dias 31/10 e 01/11/2024, em que se viu o lançamento da tradução brasileira do livro de Patrice Maniglier sobre Saussure, *A Vida Enigmática dos Signos* (2024 [2005]), que lhe dá interpretação próxima dos desenvolvimentos deste artigo.

<sup>49</sup> “*Le cercle linguistique de Genève: L’ouverture du champ — La clôture des concepts*”, em Derrida, 1972. Derrida justapõe nesse texto os pressupostos teóricos de Saussure e Rousseau, mostrando-os mais próximos do que se imagina normalmente.

## Referências

- AARSLEFF, Hans. *From Locke to Saussure*. Essays on the study of language and intellectual history. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Barcelona: Gredos, 2018. (Versão Digital)
- AUROUX, Sylvain. Condillac, inventeur d'un nouveau matérialisme. *Dix-Huitième Siècle*, n. 24, p. 153-163, 1992. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/dhs\\_0070-6760\\_1992\\_num\\_24\\_1\\_1861](https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1992_num_24_1_1861). Acesso em: 31 jul. 2025.
- BADIR, Sémir; KLINKENBERG, Jean-Marie (dir.). *Figures de la figure*. Sémiotique et Rhétorique générale. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2008.
- BAXANDALL, Michael. *Giotto e os oradores*. As observações dos humanistas italianos sobre pintura e a descoberta da composição pictórica (1350-1450). São Paulo: Edusp, 2018 [1971].
- BERTRAND, Aliénor. Naturalisme et scepticisme: Hume vs. Condillac. In: COHEN-HALIMI, Michèle; L'HEUILLET, Hélène (org.). *Comment peut-on être sceptique?* Hommage à Didier Deleule. Paris: Honoré Champion, 2010. p. 47-59.
- BLUMENBERG, Hans. *La Leggibilità del mondo*. Bolonha: Il Mulino, 1981.
- CHASTEL, André. *Arte e Humanismo em Florença*. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- CHEVALIER, Jean-Claude. *Histoire de la Syntaxe*. Naissance de la Notion de Complément dans la grammaire française (1530-1750). Paris: Honoré Champion, 2006.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. *Lógica e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- CURTIUS, Ernst Robert. *European literature and the Latin Middle Ages*. New Jersey: Princeton University Press, 2013 [1948].
- DASCAL, Marcelo. *La Sémiologie de Leibniz*. Paris: Aubier Montagne, 1978.
- DEELY, John. *Four ages of understanding*. The first postmodern survey of philosophy from ancient times to the turn of the twenty-first century. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *De la Grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, Jacques. *Marges de la Philosophie*. Paris: Minuit, 1972a.
- DERRIDA, Jacques. *Philosophie et rhétorique au XVIIIe siècle*. Condillac et Rousseau, 1972b. Originais datilografados disponíveis em: <https://dpul.princeton.edu/derridaseminars/catalog/dcf7623r77w>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- DERRIDA, Jacques. *Glas*. Paris: Galilée, 1974.
- DERRIDA, Jacques. *Le calcul des langues*. Paris: Seuil, 2020.
- DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. 1751-1765. Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- DU MARSAIS, César Chesneau. *Exposition d'une méthode raisonnée pour apprendre la langue latine*. Paris, 1722.
- DU MARSAIS, César Chesneau. *Traité des Tropes ou des différents sens dans lesquels on peut prendre un même mot dans une même langue*. Paris, 1730.
- KOSSOVITCH, Leon. *Condillac lúcido e translúcido*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. O que é ideia [Quid sit idea?]. *Modernos & Contemporâneos*. Campinas, v. 1, n. 1, p. 186-188, 2017.
- LIVESEY, Steven. *Metabasis*. The interrelationship of sciences in Antiquity and the Middle Ages. Tese (Doutorado) – Universidade da Califórnia, Califórnia, 1982.
- ONG, Walter J. *Ramus, method, and the decay of dialogue*. From the art of discourse to the art of reason. Cambridge: Harvard University Press, 1958.

- PELLETIER, Arnaud. LOGICA EST SCIENTIA GENERALIS. Leibniz et l'unité de la logique. *Archives de Philosophie*, v. 76, n. 2, p. 271–294, 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43038868>. Acesso em: 7 jul. 2025.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: Unesp, 2001.
- QUINTILIANO. *Instituição oratória*. 4 tomos. Campinas: Unicamp, 2015–2016.
- RABOUIN, David. *Mathesis universalis*. L'idée de « mathématique universelle » d'Aristote à Descartes. Paris: PUF, 2009.
- RASTIER, François. Rhétorique et interprétation des figures. In: BADIR, Sémir; KLINKENBERG, Jean-Marie (dir.). *Figures de la figure*. Sémiotique et Rhétorique générale. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2008.
- RASTIER, François. La triade sémiotique, le trivium et la sémantique linguistique, *Nouveaux Actes sémiotiques*, n. 9, 1990. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/1640>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- ROMILLY, Jacqueline de. *Magic and rhetoric in Ancient Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- ROSSI, Paolo. Francis Bacon. *Da magia à ciência*. Londrina: Curitiba: Eduel e Editora UFPR, 2006.
- ROSSI, Paolo. *Logic and the art of memory*. The quest for a universal language. Londres: Continuum, 2000.
- SÃO BONAVENTURA. *De Reductione Artium ad Theologiam*. Documenta Catholica Omnia (versão online). Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu>. Acesso em: 31 out. 2024.
- SÃO BONAVENTURA. *Itinerarium Mentis in Deum*. Documenta Catholica Omnia (versão online). Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu>. Acesso em: 31 out. 2024.
- SERMAIN, Jean-Paul. Le code du bon goût (1725-1750)". In: FUMAROLI, Marc. *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne, 1450-1950*, 1999. p. 879-944.
- SILVA, Lourenço Fernandes Neto e. Estatuto e raízes da noção de signo na gramática geral de Condillac, *Revista Seiscentos*, v. 2 n. 1, p. 01-25, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/seiscentos/article/view/60036>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- STENGERS, Isabelle. Diderot's egg: Divorcing materialism from eliminativism. *Radical Philosophy*, n. 144, 2007, p. 7–15. Disponível em: <https://www.radicalphilosophy.com/article/diderots-egg>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- TODOROV, Tzvetan. *Teorias do símbolo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.
- ULBRICHT, Yuri. *Sobre as artes em textos greco-latinos*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- VICKERS, Brian. *In defence of rhetoric*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- WELLBERY, David E.; BENDER, John. Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica. In: WELLBERY, David E. *Neo-retórica e desconstrução*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p. 11-47.

---

 **The distinction between artificial and non-artificial proofs  
from Rhetoric to Semiotics**

---

 **SILVA, Lourenço Fernandes Neto e**

---

**Abstract:** This text takes the point of view of the history of ideas to revisit the question of the relationship between semiotics and rhetoric. Seeking to take stock of the current scenario, the article aims to provide more elements for comparing theories of the sign and theories of language from the point of view of the long history of these themes. With this, one arrives at some common points that allow one to join a movement seeking to regroup the different arts and sciences of the text around “text” and “discourse”, conceived in a metaphorically expanded way. On this path, we start with the disciplinary divisions and the scope of rhetoric in antiquity, passing through the sharing of the competencies of the art of the Trivium. We present the French Enlightenment as one of the crucial moments in this history, in which the position that there is nothing outside of art is elaborated, in a stance that is both rhetorical and semiotic. We thus propose that it is possible to conceive a connection between rhetoric and semiotics that is stronger and more historically persistent than is commonly supposed, as well as being constitutive of the idea of method.

**Keywords:** semiotics; rhetoric; art; discourse; method.

---

**Como citar este artigo**

SILVA, Lourenço Fernandes Neto e. A distinção entre provas artificiais e não artificiais da Retórica à Semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 2. Dossiê temático: “Semiótica e Retórica”. São Paulo, agosto de 2025, p. 141-162. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

**How to cite this paper**

SILVA, Lourenço Fernandes Neto e. A distinção entre provas artificiais e não artificiais da Retórica à Semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 2. Thematic issue: “Semiotics and Rhetoric”, São Paulo, August 2025, p. 141-162. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 29/11/2024.

Data de aprovação do artigo: 29/04/2025.

---

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a  
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

